

*Os gêneros do discurso na esfera acadêmica:
reverberações dialógicas*

Discourse genres in academic sphere: dialogic reverberations

Amanda Maria de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina

Rodrigo Acosta Pereira

Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148534195>

Resumo: Diferentes pesquisas, no campo da Linguística Aplicada, têm procurado compreender as práticas de uso da linguagem em diferentes esferas da atividade. Dentre essas pesquisas, há aquelas que objetivam investigar os gêneros do discurso na esfera acadêmica. Em consonância a essa última consideração, nosso ensaio objetiva apresentar uma discussão teórico-metodológica em torno dos gêneros do discurso na esfera acadêmica, com foco nas práticas de escrita. Para tanto, investimo-nos a um constructo sob a perspectiva dos Estudos Dialógicos da Linguagem, à luz das considerações dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas atuais em Análise Dialógica de/do/dos Discurso(s).

Palavras-chave: Dialogismo. Esfera acadêmica. Gêneros do discurso.

Abstract: Different researches in the field of Applied Linguistics have sought to understand the practices of language use in different spheres of human activity. Among these researches, there are those that aim to investigate the genres of discourse in the academic sphere. In accordance with this last consideration, our essay aims to present a theoretical-methodological discussion around the genres of discourse in the academic sphere, focusing on writing practices. In order to do so, we have invested in the Dialogical Studies of Language, in the light of the considerations of the writings of the Bakhtin Circle and the current research in Dialogical Analysis of Discourse(s).

Keywords: Dialogism. Academic sphere. Discourse genres.

Introdução

Diversas pesquisas atuais em Linguística Aplicada e Linguística têm buscado compreender o papel dos gêneros do discurso/textuais¹ na regulação, legitimação e significação das diferentes práticas sociais (BAZERMAN et al., 2005; 2006; 2007; BONINI, 2005; CHARAUDEAU, 2004; 2006; FURLANETTO, 2005; MOTTA-ROTH, 2005; PRIOR, 1998; 2007; RODRIGUES, 2005; ROJO, 2005; 2006; SIGNORINI, 2006; SCHNEUWLY e DOLZ 2004; SWALES, 1990; 2004), assim como relacionado os gêneros com questões voltadas ao discurso, à cultura, à ideologia, e à valoração (ACOSTA PEREIRA, 2008; 2012; BRAIT, 2007; MIOTELLO, 2006; RODRIGUES, 2001; 2005; ROJO, 2005).

Dentre as diversas pesquisas científicas desenvolvidas na área dos gêneros do discurso/textuais, diferentes abordagens epistemológicas destacam-se. A citar: a sociosemiótica, a sócio-retórica, a interacionista-sociodiscursiva, a semiodiscursiva, a sociocognitivista e a abordagem dialógica, cujos referenciais teóricos e metodológicos de estudo dos gêneros estão sob a perspectiva dos escritos do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 1998[1975]; 2003[1979]; 2008[1929]; 2010[1920-1924]; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929]; MEDEVIÉDEV, 2012[1928]; VOLOCHÍNOV, 2013 [1930]).

A abordagem *dialógica* (BAKHTIN, 1998[1975]; 2003[1979]; 2008 [1929]; 2010 [1920-1924]; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006[1929]; MEDEVIÉDEV, 2012[1928]; VOLOCHÍNOV, 2013[1930]), na qual o presente ensaio se consocia, objetiva compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Bakhtin (2003[1979]) compreende os gêneros do discurso enquanto enunciados relativamente estabilizados, tipificados ideológica e historicamente nas diversas situações sociais de interação.

Portanto, a partir do panorama teórico-metodológico dos escritos do Círculo de Bakhtin e das pesquisas atuais em Análise Dialógica de/do/do(s) Discurso(s), buscamos compreender os gêneros do discurso, sob o matiz dialógico, objetivando entender como estes (os gêneros) engendram formas relativamente estáveis de dizer no/para o mundo social, em especial, neste ensaio, na esfera acadêmica. Para tanto, nosso ensaio se organiza em duas partes: na primeira, discutimos teórico-metodologicamente a relação “orgânica” entre esferas da atividade huma-

1 Usaremos a denominação gêneros do discurso/textuais quando nos referirmos, de forma geral, a diferentes abordagens.

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

14

na e gêneros do discurso e, na segunda parte, por sua vez, aspectos gerais sobre os gêneros que se engendram na esfera acadêmica e orientam o trabalho do professor.

As esferas e os gêneros do discurso sob as lentes do dialogismo

De acordo com Bakhtin (2003 [1979], p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essas esferas estão organizadas socialmente, estabilizam relativamente os enunciados (ACOSTA PEREIRA, 2012), dando origem aos gêneros do discurso: “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 279).

Essa relativa estabilidade dos gêneros depende do conteúdo temático, do estilo de linguagem e da construção composicional, pois os gêneros discursivos “refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social”. Nas dimensões constitutivas dos gêneros – o conteúdo temático, a composição e o estilo verbal – estão vinculados no todo do enunciado, no qual é determinado pelo campo específico de comunicação. Com isso, podemos compreender que o acabamento dos gêneros está engendrado nas especificidades das esferas de interação, através da “[...] elasticidade estrutural, a sua autonomia e a sua originalidade linguística e estilística” (BAKHTIN, 1998 [1975], p. 124). Portanto, os gêneros variam diante das esferas de interação, sendo mutáveis, assim como nossa realidade é mutável, e dá espaço para o novo. É nessas esferas de interação que o gênero recebe seu acabamento, tanto que “cada esfera conhece e aplica os seus próprios gêneros” (RODRIGUES, 2001, p. 70).

Cada esfera da atividade humana produz seus respectivos gêneros discursivos. Conforme Bakhtin (2003 [1979], p. 285), “quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, [...] refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação”. Com isso, o nosso projeto de discurso se realiza sempre na forma de um gênero do discurso.

Ademais, para o Círculo, os gêneros discursivos refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social. Portanto, não há modo de dissociar gêneros do discurso

da vida real. Segundo Medviédev (2012[1928], p. 198), “[...] cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade”. Sendo assim, é através dos enunciados concretos (gêneros) que a vida entra na língua, a compreensão da realidade não se dá por palavras ou frases isoladas, mas sim, por meio de enunciados. Em outras palavras,

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

16

A totalidade artística de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero, orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determinam o tipo dessa totalidade, isto é, seu gênero. Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. [...] Desse modo, uma obra entra vida está em contato com diferentes aspectos da realidade circundante mediante processo de sua realização efetiva, como executada, ouvida, lida em determinado tempo, lugar e circunstâncias. Ela ocupa certo lugar, que é concedido pela vida [...]. (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 195).

Assim como há múltiplas elaborações e reelaborações das atividades humanas, os gêneros discursivos se incorporam nessas relações múltiplas, nos mais variados contextos: “o gênero é um conjunto de meios de orientação coletiva da realidade [...]. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 200). Logo, a partir dessa realidade, os gêneros compõem e concebem em outros contextos discursivos novos gêneros, introduzindo novas linguagens. Com o surgimento dessas novas formas de atividade discursiva, emergem novos gêneros.

Considerações gerais sobre gêneros do discurso na esfera acadêmica: o foco nas práticas de escrita

Como já dito na discussão anterior acerca do funcionamento dos gêneros do discurso nas diferentes esferas da atividade, podemos compreender que novos gêneros nascem como resultado de mudanças sociais, a partir do advento de novas práticas sociais e, por conseguinte, de novas práticas de uso da linguagem. Atualmente, por exemplo, tornou-se habitual, em diversos eventos científicos, a inscrição mediante um *resumo expandido*,

diferentemente do *resumo indicativo* (ACOSTA PEREIRA; BRAGA, 2015). Outro exemplo seria o caderno de *handouts*, recurso utilizado na comunicação oral como suporte para registro das ideias explicitadas somente na oralidade e que tem se tornado recorrente em diversos eventos.

Sob essa perspectiva, entendemos que as formas de interação verbal, sensíveis a todas as transformações sociais, acham-se estreitamente vinculadas às condições da situação de interlocução dada e reagem sensivelmente a todas as flutuações da atmosfera social. Novos usos da linguagem em situações sociais potencializam o uso de novas formas da língua, novos gêneros do discurso. Assim, todo gênero não apenas responde às necessidades sociais e às experiências intersubjetivas, como também, por conseguinte, traz em si uma apreciação da realidade social (MEDVIÉDEV, 2012[1928]), por exemplo, veja o caso do *seminário acadêmico* (ACOSTA PEREIRA; OLIVEIRA; KOROLL, 2017) distintivamente do *seminário escolar* (seminário nas aulas de Língua Portuguesa na escola de Ed. Básica, que, por circular nesta esfera em particular, tem especificidades que o distinguem do *seminário acadêmico*).

Outra questão importante é entender que os gêneros do discurso são formas (plásticas, transgressivas, fluidas) de organização de nosso discurso, permitindo a comunicação social inteligível (ACOSTA PEREIRA, 2016). Imaginemos se, ao escrever um *projeto de pesquisa*, cada um seguisse um modo específico de escrita à luz da “criatividade subjetiva”. Mesmo sendo plásticos e fluidos, os gêneros são enunciados estáveis, organizando nosso discurso, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada esfera social por meio da relativa estabilidade (regularidade) do objeto temático, como também do estilo e da orquestração composicional. As instâncias estão indissoluvelmente ligadas no todo do enunciado e são igualmente determinadas pela especificidade da esfera. Por isso, ao escrever *artigos acadêmicos, resenhas, dissertações de mestrado e teses de doutorado* seguimos uma relativa estabilização.

A partir das considerações supracitadas, as implicações do trabalho com a prática de escrita orientada/balizada/ancorada sob o matiz dos gêneros do discurso, à luz da perspectiva dialógica, resultam na compreensão de que (ACOSTA PEREIRA; BRAGA, 2015):

- i) em todo gênero agenciam-se conteúdo temático, estilo e composição, que, num trabalho conjunto, “imprimem” relativa estabilidade a este (ACOSTA PEREIRA, 2014; 2013; 2012; 2011);

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

18

- ii) como os gêneros orientam-se na e para a vida, refletindo e refratando determinados aspectos da realidade, as instâncias constitutivas trabalham nesses dois planos (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929]);
- iii) todo enunciado típico se materializa em um gênero e este, por sua vez, agencia conteúdo temático, estilo e composição conforme as especificidades da esfera e das condições sociais da situação de interação que medeia (BAKHTIN, 2003[1979]; VOLOCHÍNOV, 2013[1930]);
- iv) os gêneros podem ser considerados formas sociais de ver e interpretar aspectos particulares do mundo (MEDVIÉDEV, 2012[1928]), pois, enquanto sujeitos sociais, experimentamos o mundo por meio de gêneros do discurso.

Além disso, em consonância com a perspectiva dialógica, dada a relação entre esferas da atividade humana e gêneros do discurso, podemos entender que os gêneros do discurso se engendram nas seguintes propriedades constitutivo-funcionais:

- i) plasticidade: todo gênero do discurso é plástico, isto é, aberto a possibilidades de modificar-se/transmutar-se dadas as condições sócio-históricas;
- ii) penetrabilidade: todo gênero do discurso é vulnerável a possibilidade de intercalação e hibridização (BAKHTIN, 1998 [1975]);
- iii) unicidade: todo gênero do discurso é uma unidade de comunicação verbal relativamente estável (BAKHTIN, 2003 [1979]);

A partir dessas considerações, compreendemos a prática de escrita na esfera acadêmica assentada/orientada por gêneros do discurso. Em outras palavras, compreendemos que escrever na universidade é responder ativamente a dizeres de outrem (BAKHTIN, 1998 [1975]; 2003 [1979]) e, ao responder, não apenas engendrar-se nas relações com o dizer do outro, mas, sobretudo avaliá-lo, interpretando e reinterpretando aspectos particulares do mundo (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]).

Em suma, entendemos que os gêneros do discurso são referenciais enunciativo-discursivos que orientam as práticas de escrita nas diferentes situações de interação no interior da esfera acadêmica. Em outras palavras, como referenciais enunciativo-discursivos orientadores das práticas de

escrita, os gêneros do discurso possibilitam e potencializam, na mediação didático-pedagógica do professor, compreender:

- i) a relação entre discurso, ideologia e valoração social (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]; VOLOCHÍNOV, 2013[1930]);
- ii) a constituição e o funcionamento de enunciados relativamente estáveis engendrados em situações de interação específicas no interior de diversificadas esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2003[1979]);
- iii) o imbricamento entre o que é dizível (conteúdo temático), o agenciamento de recursos lexicais, gramaticais, textuais para dizer (estilo) e a orquestração desse dizer (composição) sob o matiz da interação social;
- iv) a (res)significação e a (des)legitimação de relações intersubjetivas multifacetadas;
- v) a linguagem não como um sistema acabado em si, nem como representação de um pensamento individual ou reflexo da realidade, mas como uma prática social, histórica e cultural.

Em termos específicos, compreendemos as práticas de escritas, à luz da perspectiva teórico-metodológica dos gêneros do discurso, como:

- i) práticas didático-pedagógicas que contemplam e se ancoram em práticas discursivas situadas;
- ii) práticas didático-pedagógicas que consideram o texto como texto-enunciado, isto é, texto e enunciado compartilhando as mesmas particularidades constitutivo-funcionais (ACOSTA PEREIRA, 2014; 2016);
- iii) práticas didático-pedagógicas que contemplam e enaltecem aluno(s) e professor(es) como sujeitos interlocutores, engajados em uma situação de interação específica – a aula.

Dadas as discussões levantadas, as práticas didático-pedagógicas empreendidas na esfera acadêmica devem ter os gêneros do discurso como orientação para a tomada da palavra, para a participação do aluno nessa esfera e possibilitar que ele compreenda os gêneros que nela circulam. Ao mesmo tempo, o trabalho com os gêneros permite aos alunos ressignificarem a prática de escrita e, portanto, permitem o engajamento em práticas significativas.

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

20

Ao final, dado nosso foco neste ensaio, delineamos/elencamos nossas considerações a respeito da prática de escrita a partir do trabalho didático-pedagógico com gêneros do discurso na esfera acadêmica. Entendemos ser importante, além da discussão teórica delineada até o momento, lançarmos um olhar, também, para possíveis encaminhamentos teórico-metodológicos que auxiliem no desenvolvimento de atividades de escrita na academia e suas contribuições para a formação de autores críticos na universidade. Assim, esmiuçamos a seguir as considerações trazidas nesta seção para uma discussão em torno de uma proposta teórico-metodológica, objetivo principal deste trabalho.

Por um quadro teórico-metodológico de base dialógica

Nesta seção, o objetivo é retomar as considerações da seção precedente a fim de delinear, de forma desenvolvida, um quadro teórico-metodológico para o trabalho com gêneros do discurso na esfera acadêmica à luz de uma perspectiva de trabalho didático-pedagógico de base dialógica. Para tanto, retomaremos as considerações de (i) a (v) supracitadas como norteadoras de nossa discussão. Como já dito, os gêneros do discurso possibilitam e potencializam, na mediação didático-pedagógica do professor, compreender:

- i) *a relação entre discurso, ideologia e valoração social (MEDVIÉDEV, 2012[1928]; VOLOCHÍNOV, 2013[1930]).* Para a perspectiva dialógica, todo uso da linguagem é sempre ancorado a projeções semântico-ideológico-valorativas, isto é, todos os sentidos do uso da linguagem são sempre saturados de formas específicas de apreender e compreender a realidade social – projeções ideológicas – e de índices sociais de valor – projeções axiológicas.

Bakhtin (2003[1979]) ressalta que todo enunciado, toda palavra é sempre dialógica e atravessada por valores, posições, isto é, nunca será neutra, pois que há sempre o elemento expressivo, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado, que atravessa o enunciado. Nessa medida, a palavra sempre está em contato com a situação social que a envolve e não pode ser separada dessas condições: “A palavra na vida [...] surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 77).

No entanto, é necessário entender que a relação da palavra com a situação extraverbal não é de natureza mecânica ou causal, mas sim orgânica e viva. Volochínov (2013[1930]) explica que o contexto extraverbal envolve (i) o horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes; (ii) o conhecimento e a compreensão comum da situação, isto é, quando há uma convergência entre os participantes no que diz respeito à situação social na qual se encontram e (iii) a valoração compartilhada pelos dois, da situação em questão. Esses três aspectos convergem e orientam para uma apreciação valorativa por parte dos participantes da interação.

A relação orgânica da palavra com a situação social nos permite entender que qualquer palavra, dita ou pensada, é sempre um ponto de vista avaliativo (VOLOCHÍNOV, 2013[1930]). O autor explica que as concepções de mundo, crenças, portanto, posições valorativas, não existem de forma encerrada na mente dos sujeitos, mas se tornam realidade ideológica quando realizados nas palavras, nas ações, nas maneiras, enfim, quando materializadas em uma palavra ou outra materialidade semiótica.

Nesse sentido, se entendemos que toda palavra se ancora em projeções semântico-ideológico-valorativas, isto é, que todo enunciado é de natureza social, é possível entender como as discussões de base dialógica em torno da linguagem são relevantes para se (re)pensar e (res)significar o trabalho com os gêneros do discurso na esfera acadêmica. A prática didático-pedagógica com os gêneros discursivos na esfera acadêmica deve considerar que (a) “[...] o gênero é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado. Uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero. O significado constitutivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 193), ou seja, que toda tomada da palavra na esfera acadêmica (como também nas demais) é mediada por gêneros e que cada gênero tem seu relativo acabamento, de modo que deve haver a apropriação, por parte dos que atuam nessa esfera, das diversas formas de dizer e de agir nesse espaço.

Na esfera acadêmica, há a constante produção e circulação de textos de determinados gêneros, como artigos, resenhas, projetos de pesquisa, dissertações, teses, monografias, resumos, etc., sendo que cada gênero, conforme explicado anteriormente, “é uma forma típica do todo da obra, do todo do enunciado” (MEDVIÉDEV, 2012[1928], p. 193). Considerando que há diversos gêneros de discurso que medeiam

a tomada da palavra na esfera acadêmica, entendemos que o trabalho didático-pedagógico deve estar ancorado nas diferentes maneiras e tipos de acabamento do enunciado, ao mesmo tempo em que dê conta de sua fluidez, plasticidade e transgressividade, isto é, de que não são modelos fixos invariáveis, mas que estabelecem uma relação orgânica com a situação social.

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

22

Em segundo lugar, é preciso considerar que (b) toda tomada da palavra na esfera acadêmica é um constante diálogo com já-ditos, com perspectivas teórico-metodológicas, com as quais podemos concordar ou não, podemos nos filiar a determinado escopo teórico ou refutá-lo. Nenhum enunciado na esfera acadêmica esgota nem finaliza uma discussão, mas dá continuidade a ela, dá seu relativo acabamento, à medida que se insere na comunicação discursiva nessa esfera. Sabemos que a academia é um espaço de diálogos constantes, de encontro de diferentes vozes, ancoradas, por sua vez, em distintos campos, áreas e perspectivas de estudo, o que torna a esfera acadêmica um espaço caracterizado por contínua ressignificação de saberes. No trabalho com os gêneros na esfera acadêmica, esse constante embate de vozes não pode ser silenciado ou ignorado, pois nenhuma palavra é a última a ser pronunciada.

Ademais, toda tomada remete a dizeres outros, a determinadas filiações teóricas, ao mesmo tempo em que refuta outras perspectivas, dialoga com elas, as questiona, enfim, entra em constante tensão com os já-ditos e com as possíveis respostas que virão, pois

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte) (BAKHTIN, 2003[1979], p. 272).

- ii) *a constituição e o funcionamento de enunciados relativamente estáveis engendrados em situações de interação específicas no interior de diversificadas esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2003[1979]);*

De acordo com Bakhtin (2003[1979]), cada esfera da atividade elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, isto é, os diversos gêneros do discurso que medeiam a tomada da palavra em determinada situação social. Embora cada enunciado seja único, como afirma o autor, todas as esferas de interação elaboram seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Isso quer dizer que, nas diversas esferas, há gêneros típicos que circulam nesses campos, além do que “cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 301). Dessa maneira, todo projeto de dizer, toda intenção discursiva, se realiza mediada por um gênero, sendo sua escolha também orientada socialmente, considerando as condições de enunciação, os interlocutores, o objetivo que se pretende atingir com essa palavra, etc. Sendo assim,

[...] Tomamos a língua não como um sistema de categorias gramaticais abstratas, mas como uma língua ideologicamente saturada, como uma concepção de mundo, e até como uma opinião concreta que garante um *maximum* de compreensão mútua, em todas as esferas da vida ideológica (BAKHTIN, 1998[1975], p. 81, grifos do autor)

Grillo (2014) explica a importância do conceito de esfera para a compreensão da natureza dos gêneros discursivos, assim como para a caracterização do enunciado no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os já-ditos e com os pré-figurados. Acerca do *tema*, a autora explica que ele se refere ao modo de relação do enunciado com o objeto de sentido. Nessa relação, é o tema que atribui determinada compreensão do objeto do discurso e tem dada expressão valorativa, pois não há enunciado neutro, sendo que essa ligação entre a expressão valorativa do tema e o objeto do discurso é condicionada pela esfera da comunicação discursiva.

A *relação com os elos precedentes* (ou já-ditos) diz respeito ao enunciado enquanto resposta aos dizeres outros e se orienta para as necessidades de determinado campo, uma vez que nas diferentes esferas circulam gêneros específicos, pois os gêneros diferenciam-se nas diversas esferas da atividade. Finalmente, a *relação do enunciado com os pré-figurados*, isto é, com as possíveis atitudes responsivas dos interlocutores, também é condicionada pelas circunstâncias da esfera da atividade, já

que cada gênero tem sua concepção típica de destinatário. Em síntese, os três elementos supracitados são permeados pela noção de esfera e com ela estabelecem uma relação orgânica. Assim:

Organizados pelo campo/esfera, esses três aspectos do enunciado (e de seus tipos estáveis) formam um todo orgânico, ou seja, a elaboração do tema é motivada pela reação a enunciados precedentes sobre o mesmo tema e pela antecipação da posição responsiva do destinatário. O campo/esfera é um espaço de refração que condiciona a relação enunciado/objeto do sentido, enunciado/enunciado, enunciado/coenunciadores (GRILLO, 2014, p. 147).

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

24

Se considerarmos a esfera acadêmica, há inúmeros gêneros que medeiam e orientam as diversas práticas sociais que se concretizam nessa situação social. Por exemplo, há os gêneros artigo, resenha, resumo, projeto de pesquisa, palestra, aula expositiva, seminário, dissertação, tese, dentre muitos outros. São gêneros distintos dos que circulam, por exemplo, na esfera escolar, considerando o contexto da Educação Básica, conforme dito na seção 3. Apesar de serem espaços voltados ao ensino, cada esfera tem suas especificidades, de modo que os gêneros que nelas circulam atendem a necessidades e a condições particulares.

Isso posto, pensar em uma prática didático-pedagógica à luz da perspectiva dialógica envolve o domínio, por parte dos que atuam na esfera acadêmica, dos diversos gêneros que nela circulam, para que assim possam participar ativamente dos diálogos que permeiam esse campo da comunicação. Especialmente no que diz respeito aos ingressantes, é necessário o trabalho com gêneros que proporcione aos recém-chegados à academia conhecer e se familiarizar com as diferentes formas de dizer e de agir (BAKHTIN, 2003[1979]) nessa esfera em especial. Essa familiarização e domínio dos gêneros do discurso da esfera acadêmica responde às discussões de Bakhtin (2003[1979]) em torno da necessidade de apropriação dos gêneros para a tomada da palavra, pois, segundo o autor, quanto maior o domínio dos gêneros, maior acabamento damos ao nosso projeto de dizer.

Ao mesmo tempo, esse trabalho didático-pedagógico com os gêneros na esfera acadêmica deve respeitar a *relativa* estabilidade dos gêneros e as constantes ressignificações pelas quais passam, isto é, é necessário levar em conta que os gêneros não são fixos e que as esferas

se ressignificam e se complexificam, de modo que os gêneros precisam acompanhar essas mudanças e responder a elas. Sendo assim, a prática didático-pedagógica de perspectiva dialógica deve considerar (i) as especificidades da esfera acadêmica, (ii) as condições nas quais a situação concreta da comunicação discursiva se realiza, (iii) as constantes ressignificações pelas quais a referida esfera passa e (iv) as relações com os dizeres outros, aos quais inevitavelmente respondemos e levamos em conta, de modo que cada gênero tem sua concepção típica de destinatário, que também atravessa a realização do projeto de dizer.

- iii) *o imbricamento entre o que é dizível (conteúdo temático), o agenciamento de recursos lexicais, gramaticais, textuais para dizer (estilo) e a orquestração desse dizer (composição) sob o matiz da interação social;*

Acerca da realização do projeto discursivo, Bakhtin (2003[1979]) explica que

[...] A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero do discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. (BAKHTIN, 2003[1979], p. 282)

Com base nisso, sabemos que a escolha do gênero discursivo para a realização do projeto de dizer não consiste em uma seleção aleatória por parte do sujeito, mas leva em conta as condições e especificidades da esfera na qual interage, além das circunstâncias da situação mais imediata. Ademais, o falante/autor (assim como o ouvinte/leitor) deve ter o domínio desses gêneros, para que possam responder a esses enunciados, refutá-los, pois, conforme dito na seção anterior, quanto melhor dominamos os gêneros, mais livremente os empregamos nas diversas situações sociais.

Conforme Bakhtin (2003[1979]), os enunciados respondem às condições específicas da esfera de atividade pelo (i) conteúdo temático, pela (ii) seleção de recursos lexicais, gramaticais e fraseológicos (estilo) e pela (iii) construção composicional. O autor explica que esses três elementos não estão ligados de forma mecânica, mas organicamente e de modo sensível às condições sociais da comunicação discursiva, pois “os

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

26

gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 293).

Se pensarmos em um quadro teórico-metodológico para o trabalho com os gêneros discursivos na esfera acadêmica, podemos entender que, primeiramente, deve-se pensar a esfera acadêmica como um contexto no qual há determinados domínios de sentido dos quais os participantes se ocupam e que são pertinentes para esse campo em especial. Dito de outro modo, há domínios de sentido que são pertinentes à esfera acadêmica e que são objeto de discussão nesse espaço.

Em segundo lugar, a prática didático-pedagógica de base dialógica deve considerar que há formas de dizer e de atuar na esfera acadêmica, as quais são relativamente estabilizadas e medeiam as diversas condições de interação nesse contexto, de modo que devem ser respeitadas. Bakhtin (2003[1979]) explica que em cada campo, há gêneros que correspondem às suas condições específicas, sendo que é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Além disso, uma dada função e determinadas condições de comunicação discursiva “geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 266).

Por fim, levamos em conta que os gêneros que circulam nessa esfera carregam determinado estilo, isto é, projetam marcas léxico-gramaticais recorrentes na esfera acadêmica, uma vez que há inúmeras situações nas quais os participantes podem se engajar e que requerem um estilo mais cuidadoso, dependendo da posição do interlocutor, da relação que se estabelece com ele, da situação comunicativa na qual nos encontramos, etc. Esse estilo característico dos gêneros da esfera acadêmica não é um acontecimento aleatório, uma vez que responde à formalidade do contexto, às relações hierárquicas que se estabelecem entre os diferentes sujeitos e à relação valorativa com o próprio objeto do discurso. Em suma, “a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 289).

Em suma, entendemos que o emprego da língua, de acordo com a perspectiva dialógica, se dá por meio do emprego de enunciados concretos que, por sua vez, apresentam relativa estabilidade do conteúdo

temático, do estilo e da construção composicional que o constituem enquanto tal; que uma prática didático-pedagógica que toma os gêneros do discurso como parâmetro de ensino está ancorada no próprio uso da língua e no contato com textos de diferentes gêneros que circulam na esfera. Enquanto participante na esfera acadêmica, o aluno/pesquisador deve se colocar ativamente como interlocutor nas diferentes práticas sociais que se concretizam nesse contexto e, através desse contato, ter o gradativo domínio das condições de enunciação nessa esfera. Lembremos que, conforme Bakhtin (2003[1979]), o domínio dos gêneros não se dá por meio de regras ou modelos preestabelecidos, mas por meio do contato com esses enunciados em situações reais de produção, nas quais nos colocamos como autores e interlocutores:

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo de fala (BAKHTIN, 2003[1979], p. 283).

iv) *a (res)significação e a (des)legitimação de relações intersubjetivas multifacetadas;*

Volochínov (2013[1930]) explica que a linguagem humana é um fenômeno de duas faces. Isso se dá porque toda enunciação demanda tanto um falante quanto um ouvinte, pois toda palavra é orientada para o outro, e mesmo se esse outro não existir como pessoa real, ele determina as tonalidades dialógicas que atravessam o enunciado. Toda palavra é “uma gota no rio da comunicação verbal” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 158), pois, ao mesmo tempo em que responde a dizeres outros, está orientada para o ouvinte e para as suas possíveis atitudes responsivas, sendo que a antecipação dessas possíveis respostas deter-

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

28

mina organicamente a construção do enunciado. Nessa medida, toda enunciação está dirigida a um ouvinte, a sua compreensão e resposta, isto é, leva em conta a sua escuta avaliativa.

Além disso, todo enunciado tem uma *orientação social*, que, segundo Volochínov (2013[1930]), considera o peso sócio-hierárquico do audível, do interlocutor. Quanto maior a formalidade da situação e quanto maior o distanciamento entre os participantes da interação, mais formal será o enunciado, isto é, tanto o grau de formalidade da situação quanto a relação de proximidade que existe entre os interlocutores são aspectos que determinam a construção do enunciado. Bakhtin [Volochínov] (2006[1929]) afirmam que toda palavra se dirige a um interlocutor e que variará se o interlocutor for ou não do mesmo grupo social, se estabelece laços familiares com o interlocutor ou não. Todos esses aspectos da situação social determinam organicamente o enunciado.

Em suma, toda palavra leva em conta as condições sociais de enunciação, isto é, tanto a situação social imediata quanto a mais ampla; os interlocutores e o tipo de relação que estabelecemos com ele, se mais ou menos próxima, bem como as suas possíveis atitudes responsivas. Essas condições, por sua vez, orientam as escolhas léxico-gramaticais e a ordenação desses elementos na construção do enunciado, pois “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 116), uma vez que

[...] normalmente nós concordamos ou discordamos do que ouvimos. Habitualmente respondemos a qualquer enunciação de nosso interlocutor, se não com palavras, pelo menos com um gesto: um movimento na cabeça, um sorriso, uma pequena sacudida na cabeça, etc. Pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de intercâmbio de enunciações, ou seja, sob a forma do diálogo (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 162-163).

Ao relacionarmos essa discussão com a prática didático-pedagógica de base dialógica, entendemos que o trabalho ancorado nos gêneros do discurso como parâmetro de ensino permite que os alunos tenham domínio dos diversos gêneros e possam se engajar em práticas sociais

no espaço acadêmico. Como afirmado anteriormente, cada esfera tem suas necessidades, sua dinâmica, as quais precisamos dominar para que possamos tomar a palavra nos diferentes espaços sociais. Sendo assim, é necessário que, na academia, o trabalho com os diversos gêneros acadêmicos esteja ancorado nas diferentes práticas sociais por eles mediadas e leve em conta que, nas diferentes situações, estabelecemos relações distintas com o outro: podemos ocupar o lugar de aluno, professor, pesquisador, palestrante, etc.

Dessa maneira, cada enunciação da vida cotidiana é [...] uma espécie de palavra-chave que somente conhecem os que pertencem a um mesmo horizonte social. A peculiaridade das enunciações da vida cotidiana consiste em que elas, mediante milhares de fios, entrelaçam-se com o contexto extraverbal da vida e, ao serem separadas deste, perdem quase por completo seu sentido: quem desconhece seu contexto vital mais próximo não as entenderá (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 80).

Nessa medida, a prática didático-pedagógica ancorada no trabalho com os gêneros ressignifica a compreensão constantemente reforçada de que há os detentores do conhecimento e há os que não o possuem, de modo que os primeiros devem repassar esses conhecimentos aos que chegam na esfera acadêmica. De acordo com a perspectiva do presente trabalho, todo participante da interação se coloca ativamente na discussão e, por mais que não materialize verbalmente sua resposta, ele se insere na cadeia da comunicação discursiva e dialoga ativamente com os demais participantes, tanto na sala de aula quanto nas demais situações sociais de interação que se concretizam na esfera acadêmica.

- v) *a linguagem não como um sistema acabado em si, nem como representação de um pensamento individual ou reflexo da realidade, mas como uma prática social, histórica e cultural.*

Bakhtin [Volochínov] (2006[1929]) levantam a discussão em torno da língua(gem) como objeto de estudo com base nas principais considerações de duas vertentes mais difundidas² e, ao mesmo tempo, fizeram

2 Nesse caso, consideramos a época em que a obra original foi escrita.

questionamentos envolvendo algumas das propostas de cada perspectiva. A primeira apresentada pelos autores consiste no *subjetivismo individualista* e tem como base o ato de fala, enquanto criação individual, como fundamento da língua. A segunda, denominada *objetivismo abstrato*, trata o estudo da língua enquanto objeto parte do sistema linguístico, ou seja, dá conta dos elementos repetíveis e idênticos da língua.

Amanda Maria
de Oliveira

Rodrigo Acosta
Pereira

30

Ao retomar ambas as orientações, Bakhtin [Volochínov] (2006[1929]) levantam uma série de fatores que direcionam para uma compreensão da natureza social da língua. Eles explicam que, segundo a perspectiva dialógica da linguagem, a língua não é compreendida nem como sistema abstrato de formas linguísticas, nem pelo ato psicofisiológico individual, mas sim “pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2006[1929], p. 127).

Com base nessas considerações, entendemos que a perspectiva dialógica da linguagem não concebe a língua como algo morto, petrificado ou fora da vida social: ela se move continuamente, se (res)significa e está em constante desenvolvimento (VOLOCHÍNOV, 2013[1930]). Todo enunciado é um momento, um acontecimento na comunicação verbal, e só existe nesse meio. Se separado da sua vida social, se separado das condições sociais nas quais é orientado, perde seu sentido. Dessa forma,

Nós percebemos propriamente aquela *realidade objetiva* (natural, histórica ou artística) *que a palavra reflete enquanto dela é um signo*. Por isso, na comunicação verbal viva, na interação verbal viva, nós não avaliamos a palavra enquanto som articulado, carregado de um significado, nem avaliamos a palavra enquanto objeto de estudo gramatical, mas avaliamos o *significado*, o *conteúdo*, o *tema*, incluídos na palavra por nós escutada ou lida (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 197).

A compreensão de que a língua(gem) constitui uma prática social, histórica e cultural influencia diretamente na prática didático-pedagógica na esfera acadêmica. Isso porque todo enunciado é essencialmente dialógico e, na esfera acadêmica (assim como nas demais), colocar-se de acordo com determinada perspectiva teórico-epistemológica significa filiar-se a dado escopo teórico e, ao mesmo tempo, responder a outros,

refutá-los, considerando que determinada perspectiva teórica não está dada e acabada, pois “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (BAKHTIN, 2003[1979], p. 289).

A palavra, enquanto prática sócio-histórico-cultural, não é fixa ou finalizada, mas sempre se ressignifica, é revalorada a partir do constante diálogo que atravessa as discussões que tomam lugar na academia. Ademais, nenhuma discussão é a última, a única verdade. Daí a necessidade do constante diálogo e de um olhar crítico para as discussões que são empreendidas no meio acadêmico. Silenciar outras discussões às quais não nos filiamos significa apagar as outras vozes que se colocam ativamente na comunicação discursiva; significa extinguir as tonalidades dialógicas que atravessam a palavra, o que, conforme dito anteriormente, abstrai os sentidos do enunciado.

Considerações finais

Neste artigo chamamos a atenção para a importância do estudo dos gêneros do discurso no sentido de perceber como se dão as práticas de escrita engendradas na esfera acadêmica (ACOSTA PEREIRA; BRAGA, 2015), tanto no que diz respeito ao reconhecimento dos gêneros que se produzem e circulam nesse campo, quanto às situações de uso, uma vez que os gêneros tomados como unidades discursivas significam, organizam e se constituem em formas (relativamente estáveis) de interação humana.

Conforme Bakhtin (2003[1979]), toda esfera da atividade estabiliza e regulariza determinados gêneros do discurso, que se ressignificam à medida que as condições dessas esferas também mudam. Nessa medida, as práticas de escrita na esfera acadêmica orientadas pelos gêneros que nela circulam contribuem para a formação de escritores críticos, que se colocam ativamente nas discussões e se engajam nas atividades desenvolvidas no decorrer de sua formação, assim como passam a dominar as formas de dizer e de agir pertencentes ao contexto acadêmico.

Dessa forma, o fato de o gênero constituir-se como modos sociais e culturais de uso da língua, implica estudar a sala de aula como um lugar social e cultural em que práticas particulares de ler e de escrever podem servir na ação de questionar quais textos, formas de falar, ler, escrever e comportar-se são *privilegiados* e o porquê (ACOSTA PEREIRA; BRAGA, 2015).

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, R. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. *Letra Magna*, v. 12, p. 01-20, 2016.

Amanda Maria
de Oliveira

_____. A análise de textos-enunciados como atividade precedente à elaboração didática. *Revista Intersecções (Jundiaí)*, v. 07, p. 04-23, 2014.

Rodrigo Acosta
Pereira

_____. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. *Revista Letrônica*, v. 06, p. 494-520, 2013.

32

_____. *O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda*. Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2012.

_____. Contribuições dos estudos sobre gêneros do discurso para a análise linguística em sala de aula: perspectivas dialógicas. *Revista Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 5, p. 01-41, 2011.

_____. *O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFSC, PGLg, Florianópolis-SC, 2008.

ACOSTA PEREIRA, R.; BRAGA, S. Ler e escrever na universidade: um fazer sócio histórico-cultural. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 303-320, maio/ago. 2015.

ACOSTA PEREIRA, R.; OLIVEIRA, A.; KOROLL, L. O gênero seminário acadêmico: instâncias constitutivas e mediação didático-pedagógica. *Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 16, p. 153-177, 2017.

BAKHTIN, M. M. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al.. 4. ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998 [1975].

_____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12^o ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1929].

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010 [1920/1924].

BAZERMAN, C; et al.. (Org.). *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Gêneros, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez, 2007.

BONINI, A. A Noção de sequência textual e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

BRAIT, B (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L; MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

_____. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FURLANETTO, M. M. Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

GRILLO, S. V. de C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 133-160.

MEDVEDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução do russo por Ekaterina Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

Amanda Maria
de Oliveira

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

Rodrigo Acosta
Pereira

MOTTA-ROTH, D. Questões de Metodologia em Análise de Gêneros. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005. p. 179-202.

34

PRIOR, P. From Bakhtin to mediated multimodal genre systems. SIMPÓSIO INTERNACIONAIS DE ESTUDOS EM GÊNEROS TEXTUAIS, IV. *Anais do IV SIGET*. Tubarão, SC, 2007.

_____. *Writing/disciplinarity: a sociohistoric account of literate activity in the academy*. Mahwah: Erlbaum, 1998.

RODRIGUES, R. H. *A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2001.

_____. Os Gêneros do Discurso na Perspectiva Dialógica da Linguagem: A Abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. IN: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

_____. Fazer Linguística Aplicada em Perspectiva Sócio-histórica: Privação Sofrida e Leveza de Pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 253-274.

SIGNORINI, I. (Org.) *Gêneros catalisadores: letramento e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: CUP. 1990.

_____. *Research genres: exploration and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João W. Geraldi. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013 [1930].

*Os gêneros
do discurso
na esfera
acadêmica*

35

